

ALFABETIZAÇÃO E DOCÊNCIA: contribuições para formação de professoras/es por meio da Alfabetização Ambiental-Sexual à luz do pensamento de Paulo Freire

Ma. Aline Diniz Warken¹

Prof. Dr. Lourival José Martins Filho²

Profa. Dra. Sonia Maria Martins de Melo³

Eixo temático : 7- Alfabetização e formação inicial e continuada de professores

Resumo: Neste estudo objetivamos contribuir com a formação inicial e continuada de professoras/es na perspectiva de ser a alfabetização inerente ao processo do existir humano, abarcando possibilidades de uma Alfabetização Ambiental-Sexual, à luz do pensamento paulofreireano, por meio de reflexões críticas apontando pressupostos teóricos e indicando propostas por meio de um programa para formação docente. Esta proposta está expressa como um recorte de tese em andamento de uma das co-autoras sobre Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser (EASES), termo cunhado por WARKEN (2018). Entendemos que os princípios de Paulo Freire sobre a docência e a alfabetização podem ser fortalecidos por meio de encontros que viabilizem um diálogo crítico-amoroso sobre as relações entre o Ser e o Outro, mediatizados pelo Mundo, apontando para as possibilidades de mudanças emancipatórias na humanidade, tão necessárias nestes tempos carentes de resistência e esperança. Esses caminhos são possíveis por meio de uma Alfabetização que dialogue intencionalmente com princípios educativos que tenham como base a sensibilização sobre as interfaces entre a inteireza do Ser, com sua inseparável dimensão da Sexualidade e a compreensão do Ser Humano ser parte indissociável do Meio Ambiente onde vive em suas relações sociais com o Outro. Todas essas dimensões fazendo parte do que chamamos Vida.

Palavras-chave: Alfabetização; Meio Ambiente; Sexualidade; Paulo Freire; Docência.

¹ Doutoranda em Educação PPGE/UDESC. Contato: alinedw@hotmail.com

² Orientador, Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação – UDESC, realizou seu estágio pós-doutoral na Escola de Educação e Humanidades PUC/PR. Contato: lourivalfaed@gmail.com

³ Coorientadora, Professora Titular FAED/UDESC, Docente permanente (Voluntária) do PPGE/UDESC. Contato: soniademelo@gmail.com

1. Introdução

Quais as contribuições de uma tese em andamento que versa sobre Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser (EASES), termo cunhado por Warken em 2018, para os preceitos da alfabetização? Por meio desta indagação construímos este artigo, buscando colaborar com a formação de professoras/es, registrando paralelos com conceitos sobre a docência em Paulo Freire e propondo-os como base de um programa específico nesta perspectiva.

Versamos sobre a relevância de pesquisar sobre a Alfabetização na perspectiva de ser a mesma dimensão inseparável do existir humano, assim como também o são a Sexualidade e o Meio Ambiente. Sob as bases de referência teórica de Paulo Freire traçamos um paralelo com a urgência em dialogar sobre as interfaces entre estas três dimensões para subsidiar projetos educativos emancipatórios junto as/aos profissionais da Educação.

Sob este viés ambiental-sexual, exaltamos a alfabetização como processo base da educação formal para expressão de atos de consciência crítica, de pertencimento e proteção para consigo, com o(s) Outro(s) e com o Planeta Terra, de descoberta e valorização das múltiplas linguagens, representando a necessidade da formação integral, enaltecendo a inteireza do Ser, a totalidade das interações e uma cidadania planetária crítica.

Todavia, apontamos como problemática o raro diálogo transversal, bem como a escassa intencionalidade da formação sobre a interface entre os temas Alfabetização, Sexualidade e Meio Ambiente, por ainda vivenciarmos uma preponderância de propostas de Educação fragmentadoras do ser humano. Educação esta que serve hegemonicamente a uma lógica do mercado.

Metodologicamente pautamo-nos em pesquisa bibliográfica, sendo que, em um primeiro momento foi realizada uma busca sistemática pelas palavras-chave nos principais bancos de dados acadêmicos. Em um segundo momento recorremos às buscas pelas palavras “Alfabetização Ambiental” e “Alfabetização Sexual”, apoiando-nos em estudos de grupos de pesquisas que têm como paradigma a Educação Crítica e Emancipatória. Posteriormente nos aprofundamos nos apontamentos de Paulo Freire sobre a docência, para nos fortalecermos na proposição de um programa de formação de professoras/es sobre Alfabetização Ambiental-Sexual. Fomos e somos também pautados pelas nossas experiências e vivências no contato com a classe docente e os pedidos por uma formação sob uma visão integral sobre o Ser, onde possamos refletir criticamente sobre as categorias citadas, que têm sido alvos de polêmicas, limitações e fragmentações.

Neste sentido, objetivamos com esta pesquisa contribuir com pressupostos teóricos e

propostas sobre uma Alfabetização Ambiental-Sexual para a Formação Docente à luz do pensamento paulofreireano.

2. Fundamentação teórica

Sob os achados sobre uma concepção de alfabetização de maior afinidade com a Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser – EASES, inspiramo-nos ainda mais no pensamento paulofreireano com apoio na reflexão de Bartlett e Macedo (2015), em seu trabalho sobre Paulo Freire acerca da alfabetização para a conscientização crítica:

Paulo Freire deixou um imenso legado para estudiosos e profissionais que trabalham com alfabetização, letramento e pedagogia crítica. Contribuiu imensamente com princípios fundamentais para a construção de uma pedagogia transformadora e emancipatória (...) Freire deu grande contribuição a uma abordagem social da compreensão do letramento e da alfabetização ao defender a inseparabilidade entre o aprendizado da leitura da palavra (linguagem) e a leitura do mundo (relações sociais) (BARTLETT; MACEDO, 2015, p.228).

Compreendemos que esta perspectiva declara a alfabetização como dimensão humana, principalmente quando anuncia a interconexão entre aprendizado da leitura da palavra e a leitura do mundo. Há que compreender que a “alfabetização é uma qualidade da consciência humana, pois possibilita às pessoas instrumentos para pensar e agir reflexivamente” (MOTA; MORAES, 2013, p.153). E neste sentido de alfabetização como dimensão humana que se faz para com o(s) Outro(s) e para com o mundo que concordamos com Fiori quando diz: “talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se” (FIORI in FREIRE, 1987, p.5).

Nesta consonância, de pertencimento da Vida e com a Vida, sob o entendimento que somos todos seres humanos cidadãos da comunidade biótica, foi que Frijot Capra fundou (juntamente com Peter Buckley e Zenobia Barlow) o Centro de Eco-Alfabetização pautando-se que a crise ecológica é, em todos os sentidos, uma crise da educação e que somos parte inseparável da comunidade da vida, una e indivisível. A alfabetização ecológica preconizada pelos teóricos é uma educação para uma vida sustentável, sob uma abordagem multidisciplinar baseada na experiência e da participação, exaltando os fenômenos básicos da teia da vida, dos ciclos da natureza e do fluxo de energia para um processo de consciência de que estamos todos inseridos em um ecossistema, num determinado sistema social e cultural. Sob esta ótica, David Orr pontua que “para ser ecologicamente alfabetizada, uma pessoa precisa ter no mínimo conhecimentos básicos de ecologia, de ecologia humana e dos conceitos de sustentabilidade, bem como dos meios necessários para a solução dos

problemas” (ORR in CAPRA; et al, 2006, p.11).

Neste sentido, os preceitos elevados pela EASES, sob os pilares paulofreireanos, estão em consonância com a alfabetização ecológica proposta por Capra e outros autores (2006), ao exaltarem a educação como processo de trocas de conhecimentos por meio da valorização do diálogo crítico e problematizador para conscientização de pertencimento e cuidado para consigo, com o(s) Outro(s) e com o Planeta Terra.

A EASES caminha em integração também com a Educação Sexual Emancipatória e os estudos do Grupo de Pesquisa EDUSEX Formação de Educadores e Educação Sexual sob o entendimento da Sexualidade como dimensão inseparável do existir humano (MELO; et al, 2011). Neste viés, a EASES corrobora com o conceito de alfabetização sexual delineado na tese de Freitas (2014) que indica que a literacia sexual é uma das modalidades de alfabetização e explica que

Inicialmente, o conceito de literacia esteve muito relacionado com a preocupação e a capacidade de ler, escrever, usar a linguagem e comunicar. Porém, seu sentido foi alargado e estendeu-se para diversas áreas, como podemos constatar pelo conceito da UNESCO, incluindo-se aqui, a área da ES. A literacia sexual relaciona-se com a aquisição dos conhecimentos necessários para vivenciar o sexo e a sexualidade de forma satisfatória, baseada em escolhas pessoais equilibradas e livres, ao longo da vida, e, da mesma forma, para saber lidar com essas questões nas situações da vida cotidiana (Alexander, 2008). Para alcançar essa literacia é necessário investir na alfabetização sexual, por meio de processos contínuos de formação, tanto dos docentes quanto dos discentes. A alfabetização sexual relaciona-se com a capacidade de aprender a falar sobre sexo e sexualidade de maneira confortável, mas também criticamente (Herdt, 2006). (...) Alfabetizar sexualmente significa, efetivamente, realizar a ES numa perspectiva emancipatória, ou seja, promover espaços de discussão e reflexão sobre as normas sexuais vigentes, baseando-se em fundamentos teóricos e não apenas no senso comum. Educar sexualmente ou realizar a ES num paradigma emancipatório significa oferecer uma educação politicamente aberta, inclusiva e promotora de transformações sociais (FREITAS, 2014, p.52-53).

Sob estas bases de alfabetização ambiental e alfabetização sexual é que percebemos a necessidade de pensarmos sobre o processo de alfabetização para a atual sociedade da informação. Esta onde as novas infâncias, permeadas pelas constantes mudanças tecnológicas, exigem ainda mais uma educação que seja atraente e significativa. Obviamente que não só este público solicita por um diferencial no âmbito educacional. Mas hoje as crianças, diferente das gerações anteriores, querem e exigem serem ouvidas. Esta exigência mobiliza professoras/es e a formação docente a refletir sobre os conceitos estabelecidos na sociedade e este movimento dialético é proposto por Paulo Freire, principalmente em “Pedagogia da Autonomia”, quando fala das exigências para a docência-discência, ou seja, ser uma/um educadora/or-educanda/o. Devemos, então, pensar sobre os processos de formação de professoras/es para uma *práxis* (teoria e prática) dialógica e humanizadora.

Formar integralmente sujeitos que aprendam e ensinam, vivenciando esta relação dialética de educadora/or-educanda/o e educanda/o-educadora/or, formulando assim uma linguagem política sobre o ato de ensinar-aprender (FREIRE, 2013).

Coloca-se, desta maneira, como imprescindível o compromisso docente de educar para a liberdade e emancipação. Nesta consonância, os professores Altino Martins e e Lourival Martins nos fazem pensar ainda mais sobre a formação de professoras/es, inicial e continuada, principalmente quando dizem que a reflexão teórica-crítica é a base da formação das/os professoras/es e fornece apoio para o exercício da docência. Os autores sinalizam a preocupação sobre uma formação fragmentada, instrumental e esvaziada de conteúdos teórico-críticos, recorrente das exigências do sistema capitalista e de suas determinações políticas, gerando visível perda na qualidade do desenvolvimento intelectual das/os professoras/es e no processo de formação do próprio ser humano de maneira geral (MARTINS FILHO; MARTINS FILHO, 2011). Então, faz-se elementar pensar na mudança deste sistema dito civilizatório que preza por uma educação conteudista e mercadológica, pois

falar em transformação da sociedade é falar em organização dos sistemas educacionais, principalmente quando se vive em um país como o Brasil que se deixa influenciar muito rápido pelas políticas internacionais de exploração e/ou pelos modismos criados no campo da educação. Deste modo, acreditamos que a educação seja um dos canais para a mudança da sociedade, é a via para os sujeitos atuarem como cidadãos ativos na sociedade, capazes de dar direção à via para além dos estreitos limites do individualismo (MARTINS FILHO; MARTINS FILHO, 2011, p.128).

Para essa mudança social-educacional, um dos caminhos preconizados pela EASES, com apoio no pensamento paulofreireano, é de que precisamos de uma Educação para a prática da liberdade, que vise o ‘Ser’ e não o ‘Ter’, que supere os conteúdos vazios e descontextualizados por meio de uma formação dialógica-problematizadora, que busque a transformação de realidades pensando na igualdade para todos os seres humanos, independente de raça, classe econômica, gênero ou idade.

Sob esta perspectiva é que nos fortalecemos nos apontamentos críticos sobre Alfabetização Ambiental-Sexual e propomos um programa sobre a temática para a formação docente.

3. Resultados e Discussões

Para nosso fortalecimento na proposição de um programa para formação de professoras/es consideramos fundamental nos voltar a categoria Docência e nos pressupostos teóricos de Paulo Freire. O teórico, em “Pedagogia da Autonomia”, fornece-nos os seguintes apontamentos necessários para uma prática docente emancipadora: o

comprometimento com a pesquisa e o rigor metódico; a criticidade; a ética; o respeito aos múltiplos saberes e à identidade cultural; o exercício de autorreflexão; a conscientização da/o docente como aquela/e que é aprendiz-ensinante; a necessária práxis autêntica e amorosa; a consciência do inacabamento humano e do permanente processo da Educação; o respeito à autonomia das/os educandas/os; a humildade, a tolerância, a alegria e a esperança fortalecendo a luta em direitos humanos; a convicção de que a mudança é possível e um caminho de transformação é por meio da Educação (FREIRE, 2013).

Paulo Freire postula sobre uma prática docente alinhada e comprometida como uma educação para a libertação, onde se faz essencial o entendimento do “fazer juntas/os”, pois é por meio do coletivo, na relação com o(s) Outro(s), no Mundo, que todos os seres são formados e formadores, constituintes e constituídos.

As contribuições paulofreireanas sobre a docência nos fazem refletir sobre as formações de professoras/es, principalmente quando versamos sobre as necessárias transformações no campo da Educação. Todavia, há de se considerar que a grande parte da classe docente que trabalha nos diferentes campos da Educação no Brasil obteve uma formação escolar baseada na educação tradicional conteudista e dicotomizante do Ser e do Mundo. Desta maneira, a formação de professoras/es exige uma ação maior de trabalho coletivo intencional numa nova abordagem, um trabalho que não mais fragmente as pessoas, que ouça as histórias de vida e experiências pessoais, logo que não seja verticalizado, a partir de uma visão hegemônica que se pressupõe a verdade única a ser imposta a todos os seres viventes. Assim, temos que refletir criticamente sobre como esta/e professora/or foi alfabetizada/o, para poder elaborar e vivenciar ações diferenciadas na alfabetização das/os suas/seus educandas/os, em um viés de emancipação. E isso perpassa a proposta de formação docente numa perspectiva de alfabetização ambiental-sexual, envolvendo seus processos numa atenção total à formação integral do ser.

Propomos, assim, o **“Programa de Alfabetização Ambiental-Sexual à luz do pensamento paulofreireano para a Formação Docente”**, por meio de um processo de, com e para os sujeitos, utilizando como metodologia, para interação e co-criação coletiva, o círculo de cultura e a oficina pedagógica. A proposta é de um trabalho sob viés transversal e transdisciplinar por meio da construção de conhecimentos e de materiais para, com e pelos pares. Desta forma, o programa é organizado em oito encontros de 3 horas cada, abordando os seguintes conteúdos e metodologias :

1. Dialogar sobre os conceitos de Alfabetização Ambiental-Sexual, sobre a EASES; abordar os conceitos, dimensões e bases legais sobre Meio Ambiente e Sexualidade, por meio da exposição de vídeos e imagens;
2. Conversar sobre os PCNs, a transversalidade e transdisciplinaridade;

apresentar os direitos ambientais e sexuais por meio de dinâmicas com frases dos documentos;

3. Dialogar sobre Paulo Freire, sua filosofia e contribuições para Educação por meio da exposição de uma linha do tempo;

4. Apresentar as interfaces e princípios de Meio Ambiente e Sexualidade; dialogar sobre o seu histórico e estimular reflexões críticas das atualidades sobre Educação Ambiental-Sexual, por meio de imagens que viralizam nas redes sociais *online* e notícias;

5. Dialogar sobre a Educação Ambiental-Sexual, bem como os conceitos base da inteireza e totalidade; apresentar as categorias (respeito, cuidado, democracia, sustentabilidade, equidade, educação para vida) advindas de WARKEN (2018) como uma proposta de temas geradores; apresentar materiais pedagógicos para diferentes níveis educacionais;

6. Diálogo sobre a formação integral, as questões relacionadas à cidadania e sobre as vertentes da alfabetização e da educação ambiental e sexual, por meio de dinâmicas sobre histórias de vida;

7. Produzir materiais pedagógicos para Alfabetização Ambiental-Sexual para grupos de Alfabetização (crianças);

8. Elaborar materiais pedagógicos para Alfabetização Ambiental-Sexual para grupos de Alfabetização (jovens e adultos).

Pensando no caráter formativo em tempos de pandemia prevemos que o programa pode ser transposto didaticamente para encontros virtuais, pautando-se no uso de plataformas *online* diversas, sempre sob as máximas do diálogo crítico-amoroso, por meio das bases de valorização das histórias e conhecimentos de cada sujeito e das co-criações realizadas pele/em coletivo.

4. Considerações Finais

Se a maneira como fomos educadas/os em relação ao Meio Ambiente e Sexualidade interfere nos nossos diálogos com as/os educandas/os, também como fomos alfabetizadas/os afeta como iremos alfabetizar. Neste sentido é que nos aprofundamos sobre os preceitos de Paulo Freire sobre a docência e investigamos quais propostas de ação o teórico indica para uma formação que seja transformadora e que compreenda o ser humano de maneira integral.

Paulo Freire versa sobre uma Educação inseparável da política, afinal todos somos seres políticos e em processo permanente de Educação. Logo, alfabetizar é um ato político que exige ações de resistência. Assim se faz fundamental uma prática docente que valorize a história de vida e a leitura de mundo das/os educandas/os, exaltando o ser por inteiro, suas

experiências, suas vivências, sua voz. E por isso, propomos uma alfabetização transversalizada pelo diálogo intencional e vivências acerca dos temas Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces, por meio de uma prática de sensibilização para as categorias conscientização e emancipação.

Como docentes-discentes, precisamos refletir constantemente nossa prática para fortalecermos nossos trabalhos pela transformação da realidade que nos circunda. Temos o compromisso de romper com as estruturas do sistema educacional dicotômico, opressor e desumano. E sob esta ótica é que defendemos uma formação docente em um viés crítico-reflexivo, pois acreditamos que o futuro se faz no agora. Neste presente necessitamos de uma Educação para Emancipação para todas as pessoas, da Educação Infantil aos cursos de pós-graduação. Logo precisamos pesquisar, propor e buscar transformar coletivamente a formação formal e continuada de professoras/es.

Cabe a nós, docentes-discentes que acreditam nos processos emancipatórios da construção de conhecimento em um coletivo respeitador das subjetividades, criar nossas *práxis* únicas de caráter libertário, semeando no mundo ações de transformação e esperança da valorização da Educação para e com a Vida, por uma conscientização que proteja o Planeta e nele os seres que o habitam, pela urgência de construção de uma sociedade global sustentável e igualitária.

Referências

BARTLETT, Lesley; MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes. **APROXIMAÇÕES ENTRE A CONCEPÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO DE PAULO FREIRE E OS NOVOS ESTUDOS SOBRE LETRAMENTO**. Vitória: Revista Brasileira de Alfabetização, 2015.

CAPRA Frijot; et al. **Alfabetização ecológica**: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREITAS, Dhilma Lucy de. **Blended learning na formação contínua em Educação Sexual**: um estudo com educadores de infância e professores do 1º CEB. (Tese). Universidade de Lisboa. 2014.

MARTINS FILHO, Altino José; MARTINS FILHO, Lourival José. **DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES À ATUAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**: reflexões à luz da teoria histórico-social. Florianópolis: Revista Percursos, 2011.

MELO, Sonia Maria Martins de; et al. **Educação e Sexualidade**. Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2011.

MOTA, Maria Veranilda Soares; MORAES, Leila Cristina. **ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS E A TEORIA DE PAULO FREIRE**: a experiência do Pibid. Florianópolis: EntreVer, 2013.

WARKEN, Aline Diniz. **Estudo exploratório sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces à luz do pensamento paulofreireano.** (Dissertação). UDESC, Florianópolis, 2018.